

MOBILIDADE URBANA SUSTENTÁVEL – CENÁRIOS E DESAFIOS

Carlos José Antônio Kümmel Félix¹

A população mundial teve um crescimento significativo neste último século. Estimativas apontam que em 130 anos, de 1800 a 1930, a população passou de 1 para 2 bilhões. Desde então, os intervalos de crescimento populacional foram menores, chegando, atualmente, com população próxima aos 7,7 bilhões (ONU).

Neste tempo o mundo ficou mais urbanizado. Mais da metade da população mundial já vive nas cidades, chegando a 4,4 bilhões em 2020 (56,2% da população). Neste cenário, a pandemia provocou uma quebra de continuidade – “*disrupção*” – impondo outros desafios além da saúde, como minimizar os impactos, entre eles, nos deslocamentos das pessoas.

A mobilidade é essencial para a vida urbana. Por conta da diminuição das atividades, sem o intenso tráfego de veículos, a cidade se deparou com as ruas vazias, sendo assumidas pelas pessoas a pé ou de bicicleta; como consequência, houve um alívio da poluição sonora e do ar.

O transporte público urbano, mesmo que limitado em uma relação de oferta/demanda, continuou oferecendo seus serviços, junto aos demais modos, como aplicativos, caronas, que se tornaram alternativas importantes de mobilidade na retomada gradual de atividades.

O transporte privado individual despontou pela suas características de flexibilidade e disponibilidade, embora, os objetivos de sustentabilidade recomendem sua redução; assim, ficando ainda mais claro o descompasso entre o planejamento e o crescimento urbano.

Mudanças devem acontecer – do individual ao coletivo – preparando o ambiente para as novas dinâmicas da cidade. Especialmente, em termos de infraestrutura e controle de operação, no que se refere à mobilidade urbana. O desafio

¹ Universidade Federal de Santa Maria - UFSM - Contato: carlosfelix@ufsm.br

será equacionar a retomada da circulação, enfatizando questões de segurança e saúde, privilegiando a mobilidade ativa e os transportes públicos, de maneira eficaz e economicamente viável.

Que o “novo normal” não seja voltar às ruas, com um retorno aos congestionamentos, acidentes, mortes no trânsito e poluição, geradas pelo fluxo motorizado. Espera-se que as cidades renovem seu formato e funcionalidade, em uma nova estrutura mais dinâmica, interativa e relevante.

Os novos tempos conduzem a novos pensamentos sobre mobilidade urbana. As diretrizes se voltam para uma “cidade para as pessoas”, com acessibilidade, deslocamentos de forma tranquila, segura, sustentável e integrada entre sociedade, economia e meio ambiente.